

Projeto de uma maleta pedagógica sobre o património de origem portuguesa em Ceuta

MARIA DO ROSÁRIO CASTIÇO DE CAMPOS

rcampos@esec.pt

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação

Centro de História da Sociedade e da Cultura da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Resumo

Tendo-se completado, em 2015, seiscentos anos da chegada dos portugueses a Ceuta considerou-se pertinente organizar uma maleta pedagógica subordinada ao tema “Ceuta: à procura das raízes portuguesas da cidade”. O objetivo foi apresentar informação relativa à presença de Portugal em Ceuta, tendo em vista públicos com faixas etárias entre os 10 e os 15 anos de idade.

O projeto foi organizado a nível curricular, sob a nossa orientação, na disciplina semestral Museologia e Património Cultural, integrada no curso de Animação Sociocultural da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

A maleta concebida inclui um guião de enquadramento, identificando-se no guião os objetivos do projeto, o público-alvo, os jogos didáticos a dinamizar, informação histórica sobre Ceuta, o património de origem portuguesa na cidade, outra informação pertinente relativa a Ceuta, um glossário, a bibliografia e a ficha técnica. Igualmente, integram a maleta os jogos que foram concebidos e que serão descritos neste artigo. Na maleta todos os materiais detêm uma versão em Português e outra em Castelhano.

Palavras-chave:

Maleta pedagógica, Ceuta, recurso didático, património, jogos didáticos

Abstract

2015 was the time for the celebration of the six hundred years of the portuguese arrival in Ceuta and that is the reason we consider relevant to organize a pedagogical kit on the theme “Ceuta: searching for the portuguese roots in the city”. The purpose was to present information connected to the presence of Portugal in Ceuta, having in mind special publics with ages between 10 and 15 years old.

The project was organized, according to our orientation, in the semiannual discipline Museology and Culture Heritage, integrated in the Social and Educational Animation Course of the Escola Superior de Educação of Politécnico de Coimbra.

The referred kit includes a framework guide which contains the objectives of the project, the target audience, the didactic games to be developed, historical information about Ceuta, the heritage of portuguese origin in the city, other important information, a glossary, a bibliography and the datasheet. In the same way, the kit includes the games which were conceived and that will be described in this paper. In the kit all materials have a version in Portuguese and another in Castilian.

Key concepts:

Pedagogical kit, Ceuta, didactic resource, heritage, didactic games

Introdução

Neste artigo apresentamos uma experiência didática associada a um projeto de caráter científico-pedagógico que visou a conceção de uma maleta sobre o património de origem portuguesa em Ceuta.

O facto de, em 2015, se terem completado 600 anos da chegada dos portugueses a Ceuta foi ensejo para a organização, em contexto curricular, de uma maleta pedagógica sobre Ceuta.

O projeto implicou a docente e os alunos da Escola Superior de Educação de Coimbra que frequentaram, na modalidade de avaliação contínua, a unidade curricular de *Museologia e Património Cultural*, no ano letivo de 2014-2015, tendo-se como objetivo a conceção do protótipo de uma maleta sobre Ceuta.

Intervindo um Animador Socioeducativo em espaços de educação não formal e sendo uma maleta um recurso didático que pode ser utilizado, tanto no âmbito da educação formal, como não formal, considerou-se que o projeto de uma maleta pedagógica poderia proporcionar ao futuro Animador aprendizagens significativas e apelativas ao nível da sua formação.

1. Metodologia subjacente à organização da maleta pedagógica “Ceuta: à procura das raízes portuguesas da cidade”

Uma maleta pedagógica é um recurso didático que pode tornar acessível o conhecimento de diversas áreas do saber. Como afirmam Campos & Monteiro (2016, p.127): “A disponibilização de conhecimentos através de suportes peculiares que uma maleta encerra, permite sustentar a animação do património tangível e intangível, mediante diferentes abordagens, valorizando-se normalmente o lúdico, o brincar enquanto fonte de prazer, de alegria e de aprendizagem.”

Os objetivos a atingir com a conceção da maleta, foram os seguintes: conhecer dados históricos sobre a cidade de Ceuta; evidenciar informação relativa à chegada dos portugueses a Ceuta; conhecer acontecimentos indissociáveis da presença portuguesa em Ceuta; conhecer património de origem portuguesa em Ceuta; promover, de uma forma lúdico-pedagógica, conhecimentos sobre Ceuta.

Em relação aos materiais que foram concebidos, organizou-se um guião e jogos didáticos, tendo em vista a dinamização da informação de uma maneira apelativa¹.

¹ Todos os materiais foram traduzidos para castelhano com o apoio de outras pessoas identificadas na ficha técnica, tendo sido feita a revisão do texto dos jogos em castelhano e respetivo conteúdo por Ramón Galindo Morales, docente do Dptº de

Didáctica de las Ciencias Sociales da Facultad de Educación, Economía y Tecnología de Ceuta - Universidade de Granada.

2. Guião de enquadramento da maleta pedagógica

Definiram-se como objetivos do guião os seguintes: enquadrar Ceuta a nível geográfico e histórico; evidenciar informação sobre a chegada dos portugueses a Ceuta; conhecer acontecimentos indissociáveis da presença portuguesa em Ceuta; conhecer património de origem portuguesa em Ceuta; promover, de uma forma lúdico-pedagógica, conhecimentos sobre Ceuta.

Cidade autónoma de Espanha, integrada em território espanhol em 1668, Ceuta situa-se na margem oriental do Estreito de Gibraltar. Faz fronteira com Marrocos a sudoeste e a oeste, sendo banhada pelo Mar Mediterrâneo a norte, a leste e a sul (Fig.1). O território, com 21 km de costa, subdivide-se em quatro zonas (Fig. 2): o Monte Hacho, no extremo oriental da cidade até à Cortadura del Valle; a Almina, desde a Cortadura del Valle até ao início da Gran Via; o Istmo, designação dada à zona entre o fosso das Muralhas Reais e o final da Gran Via; o Campo Exterior, que ocupa o território entre o fosso navegável das Muralhas até à fronteira com Marrocos (Martín, 2013, p.13)

Tendo sido palco de ocupação humana desde tempos remotos (Martín, 2013, p. 19), sabe-se que Ceuta foi procurada por diferentes povos, ao longo dos séculos, nomeadamente pelos “Fenícios, Gregos, Cartagineses, Romanos, Vândalos, Visigodos, Bizantinos e Muçulmanos (Almorávidas, Almóadas e Merínidas)” (Braga & Braga, 1998, p. 15).

Foram os romanos e, posteriormente, os muçulmanos que ocuparam o território por um período mais longo. Os romanos chegaram a Ceuta no século I AC. Chamaram-lhe “Septem Fratres”, em função “dos sete montes da zona” (Braga & Braga, 1998:15). Aliás, o nome de Ceuta tem origem latina, tendo evoluído o topónimo do seguinte modo: “Septem >Septa >Ceita>Ceuta” (Braga & Braga, 1998:15). A partir do século V e até à chegada, no século VIII, dos muçulmanos a Ceuta, o território foi ocupado, sucessivamente, pelos Vândalos, Visigodos e Bizantinos.

A chegada dos portugueses a Ceuta, em 1415, inicia um novo período na história da cidade. A Portugal, “Ceuta le debe muchas señas de identidade: Su bandera, que es la de Lisboa; su escudo, una variante del de Portugal” (Fundación Crisol de Culturas, 2012).

A conquista de Ceuta, tendo sido um êxito do ponto de vista militar, marcando o início da expansão portuguesa, não permitiu a satisfação dos interesses económicos dos portugueses. Os muçulmanos, não só desviaram as rotas para outros locais em África, como a riqueza cerealífera que Portugal pretendia alcançar, pois era um país deficitário em trigo, não se veio a comprovar.

2.1. A presença portuguesa em Ceuta: alguns dados históricos

Foi a presença portuguesa em Ceuta que se deu destaque na maleta, fazendo-se referência que o relato mais antigo conhecido sobre a conquista de Ceuta foi efetuado por Gomes Eanes Zurara, cronista português que na *Crónica da Tomada de Ceuta* associou a tomada da praça “a um desejo dos três filhos mais velhos de D. João I, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, de quererem ser armados cavaleiros em palco mais digno e honroso do que um simples torneio.” (Braga & Braga, 1998, p. 27).

Mas, como afirmam Isabel Braga & Paulo Braga (1998, p. 27), as “razões que levaram D. João I a conquistar Ceuta têm dado origem a acesos debates historiográficos. Muitos factores têm sido mencionados, ao longo dos anos, para explicar o evento. As hipóteses salientam geralmente motivos de ordem estratégica, social e económica” (Braga & Braga, 1998, p. 27).

Não se podendo circunscrever a conquista a uma única motivação, o que se sabe é que, no início do século XV, depois de Portugal ter estabelecido a paz com Castela em 1411 e da subida ao trono do Mestre de Avis, com o título de D. João I, “Portugal buscava novas fontes de riqueza e novos negócios; queria alargar o território sob o domínio da Coroa e dilatar o espaço da Cristandade e precisava de um território onde a nobreza pudesse mostrar as suas competências guerreiras, sem ser no espaço peninsular ou mesmo europeu” (Costa, 2014, p. 33).

Na maleta deu-se relevância a acontecimentos relacionados com a conquista da cidade e a disposições tomadas pela coroa portuguesa, posteriormente. Nesse sentido, foi referido que Ceuta era uma das cidades muçulmanas mais importantes quando D. João I decidiu conquistar a praça.” Na altura, estava dominada pela “dinastia dos merínidas de Fez” (Monteiro & Costa, 2015, p. 22). Para esse fim: “Foram fretados navios em Castela, Biscaia, Galiza, Flandres, Bretanha, Inglaterra e Alemanha. Em Inglaterra também se terão adquirido armas. O infante D. Henrique ficou encarregue de concentrar no Porto forças oriundas da Beira, Trás-os-Montes e Entre-Douro-e-Minho” (Braga & Braga, 1998, p. 18).

Em Lisboa, os preparativos estavam a cargo do Infante D. Pedro, concentrando aí as gentes provenientes do sul do país e “o mais velho dos infantes, D. Duarte, encarregava-se dos assuntos do reino (Fazenda e Justiça) para que o pai [D. João I] se pudesse dedicar à organização da expedição” (Lima, 2014, p. 49).

A frota comandada pelo infante D. Henrique, então com 21 anos, chegou a Lisboa, em Maio de 1415, altura em que deflagrava, em Lisboa, um surto de peste que vitimou a rainha D. Filipa de Lencastre, que veio a morrer a 18 de Julho desse ano (Braga & Braga, 1998: 20). Apesar deste acontecimento, a “25 de Julho a armada, partiu de Lisboa, rumo ao sul, tendo feito escala em Lagos” (Costa, 2014, p. 37).

“Não se sabe ao certo o número de navios nem de combatentes” (Braga & Braga, 1998, p. 21). O que é considerada uma certeza é que “seriam mais de cem embarcações e mais de 10.000 homens” (Costa, 2014, p. 37). Por sua vez, entre os que integravam a armada, encontram-se o Rei D. João I, os infantes, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, D. Afonso, conde de Barcelos, filho ilegítimo de D. João I e D. Nuno Álvares Pereira. “Também seguiam estrangeiros, de França, da Polónia, da Inglaterra, da Alemanha” (Braga & Braga, 1998, p. 21).

A 30 de Julho a armada chega a Faro, tendo-se dirigido para o Estreito de Gibraltar a 7 de Agosto. A 12 de Agosto dirigiram-se para Ceuta. A 14 de Agosto o rei reuniu o conselho, tendo-o feito, novamente, a 19 de Agosto. É então que decide enviar a armada para a “Ponta do Carneiro, à entrada da baía de Algeciras”. O rei determina ainda que a “frota comandada por D. Henrique iria ancorar na Almina. A do rei e do infante D. Pedro, diante da cidade, para despistar os Mouros, que cuidariam ser este o ataque principal desguarnecendo a Almina” (Braga & Braga, 1998, p. 22).

O desembarque na Almina, na praia de Santo Amaro, deu-se a 21 de Agosto de 1415. “A força do assalto comandada inicialmente pelo infante D. Henrique e depois por D. Duarte, lançou um ataque impetuoso e logrou entrar pela cidade dentro, antes que os defensores fossem capazes de cerrar as portas. A cidade foi tomada nesse mesmo dia”

(Costa, 2014, p. 37).

Sabe-se que D. João I, depois de tomar a cidade, mandou celebrar na Mesquita, local onde veio a ser erigida a Catedral, o “Te Deum em acção de graças pela vitória cristã”, bem como, no mesmo lugar, e depois do serviço religioso, armou cavaleiros os seus filhos, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique (Braga & Braga, 1998, p. 22).

A D. Pedro de Meneses entregou D. João I o comando de Ceuta, vindo a conceder a D. Henrique a cidade “numa espécie de governo-geral como encargo de a abastecer e defender” (Marques, 2001, p. 134). O regresso do rei a Portugal, ocorreu a 2 de Setembro de 1415 (Braga & Braga, 1998, p. 23).

2.2. Património em Ceuta de origem portuguesa

No período de ocupação portuguesa de Ceuta, o “espaço urbano restringia-se ao Istmo e o coração da cidade achava-se na actual Plaza de África: ali ficavam o palácio do governador, a Sé, a igreja de Santa Maria de África, o Convento da Trindade (anteriormente dos Franciscanos), e a Igreja de Santiago. Coração político, militar, administrativo e espiritual, portanto” (Braga & Braga, 1998, p.183).

Ceuta permaneceu sob o domínio português até 1668 (Braga & Braga, 1998, p. 48), tendo a história da cidade sido marcada, indelevelmente, pela presença portuguesa. A testemunhá-lo está o património cultural,

material e imaterial, que ainda hoje se pode identificar em Ceuta. De facto, a presença de Portugal em Ceuta é testemunhada por diferentes bens patrimoniais a que se deu destaque na maleta concebida. A esse nível, foi dada relevância aos seguintes bens:

O **Aleo**, um bastão de mando, feito com um fragmento de pau ou de vara. Foi “el primero en ostentarlo D. Pedro de Meneses, a quien [D. João I] dio posesión en 2 de septiembre de 1415”, como governador da Ceuta (Fundación Crisol de Culturas, 2012). O Aleo conserva-se no Santuário de Nossa Senhora de África (**Fig.15**), junto à imagem da Virgem de África. “Con él se da posesión a los gobernadores [de Ceuta]. Al menos desde el siglo XVII estos, después de tenerlo en sus manos lo colocan en las de la Virgen de África” (Fundación Crisol de Culturas, 2012).

A **Bandeira de Ceuta (Fig.3)**, tem como modelo a bandeira de cidade de Lisboa, tendo por isso grandes verosimilhanças com a mesma. “Se trata de una de las enseñas más antiguas de Europa, com los colores de la orden dominicana” (Fundación Crisol de Culturas, 2012). Nela se encontra, no centro, o escudo de Ceuta, símbolo identitário, igualmente, de origem portuguesa.

A **Catedral de Nossa Senhora da Assunção (Fig.4)**, à data da conquista, era uma Mesquita. Aí foi instituída a Sé Catedral, durante o domínio português da cidade (Braga & Braga, 1998, p. 146). Foi neste

local que o rei D. João I, mandou celebrar o “Te Deum”, oração de ação de graças que ocorreu depois da conquista da cidade. Também foi aqui que D. João I, “com as espadas que lhes havia dado Dona Filipa”, armou cavaleiros os seus filhos, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique (Braga & Braga, 1998, pp. 22, 23).

O **Ceutil (Fig.5)** é uma moeda de cobre, de pouco valor, com o próprio nome da cidade de Ceuta. “Hay más de 80 modelos de acuñación y fue la primera moneda usada en América por la armada Colombina en 1492” (Ciudad Autónoma de Ceuta, 2014). A partir do reinado de Afonso V, em várias cidades de Portugal, foram cunhados Ceitis.

A **Ermida de Santo António (Fig.6)** que existe em Ceuta, foi erigida no século XVI. A essa ermida “los devotos acuden con asiduidad, especialmente durante la romeria que se celebra [anualmente] cada 13 de Junio” (Ciudad Autónoma de Ceuta, 2014). Santo António, batizado com o nome de Fernando Martins de Bulhões, nasceu em Lisboa, junto da Sé, cerca de 1190, tendo morrido no ano de 1231, em Itália, na cidade de Pádua. É um dos santos mais venerados em Ceuta.

De referir, também, que a devoção a São Sebastião, a Santa Catarina, a Santa Luzia, a Santo Amaro, se mantêm na cidade, detendo o culto a esses santos “profundas raíces portuguesas” (Fundación Crisol de Culturas, 2012).

O **Escudo de Ceuta (Fig.7)** “es el de Portugal”, com algumas diferenças, nomeadamente, no que respeita aos Castelos e à Coroa (Fundación Crisol de Culturas, 2012). “En el portugués hay tres castillos en jefe en la bordura y sólo dos hacia la punta. La diferencia de posición de jefe a la punta va en consonancia con lo que el heráldica llamaríamos plaza dominante o dominada, es decir, la capital del Reino - el escudo lo utilizaba Lisboa – o una población más del Reino, como sería Ceuta” (Fundación Crisol de Culturas, 2012). Por sua vez, a Coroa presente no escudo de Ceuta, associa-se ao marquesado em Espanha, “dado que los títulos de marqués [que] se concedían a los gobernadores” de Ceuta (Fundación Crisol de Culturas, 2012).

A **Estátua de D. Pedro Meneses (Fig.8)** perpetua aquele que foi o 1º governador de Ceuta tendo tomado o cargo a 2 de Setembro de 1415, cargo que exerceu até 1437 (Braga & Braga, 1998, p. 99). Com o seu bastão, o aleo, se dá posse aos governadores da cidade. “Al menos desde el siglo XVII estos, después de tenerlo en sus manos lo colocan en las de la Virgen de África [...] en petición de protección” (Fundación Crisol de Culturas, 2012).

A **Estátua de “Henrique, O Navegador” (Fig.9)** encontra-se numa zona central da cidade, a rotunda da “Ponte de Cristo”. D. Henrique, filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, teve uma ação decisiva na tomada de Ceuta. De referir que, onde se encontra hoje a Ponte de

Cristo existia, ao tempo do domínio português da cidade de Ceuta, uma ponte lavadiça (Fundación Crisol de Culturas, 2012).

Um **Falconete português (Fig.10)**, peça de artilharia, do século XV, em bronze, que detém o escudo português e a esfera armilar de D. Manuel I encontra-se no Museu de Ceuta (Ciudad Autónoma de Ceuta, 2014).

A **Igreja do Vale (Fig.11)** é uma “pequena iglesia [...]”. En el lugar existió una mezquita de puerta en la que Juan I de Portugal reposó en los primeros momentos de la ocupación de la ciudad, en 1415” (Ciudad Autónoma de Ceuta, 2014). Nesta igreja encontra-se e venera-se a “**Virgem do Vale**”, uma imagem de Nossa Senhora da Assunção, também “conhecida por Nossa Senhora Conquistadora ou pura e simplesmente Conquistadora e, mais recentemente, *Virgen del Valle* ou *Portuguesa*” (Braga & Braga, 1998, pp. 146,147) imagem que “El rey Juan I de Portugal la dejó en Ceuta teniendo como primera ubicación su Catedral” (Ciudad Autónoma de Ceuta, 2014).

As **Muralhas Reais (Fig.12)** que remontam ao século XVI e que integram o Conjunto Monumental das Muralhas Reais da cidade de Ceuta, foram construídas como muro de defesa do Fosso Real, navegável desde a época do domínio português em Ceuta, fazendo parte da primeira linha de fortificação da cidade.

O referido projeto de defesa da cidade, ocorreu no tempo do rei português D. João III, entre os anos de 1541 a 1549, tendo dado lugar a novas fortificações em Ceuta: as muralhas reais e um fosso navegável. Foram responsáveis pelo projeto, o português Miguel Arruda e o engenheiro italiano Micer Benedito Ravena. As novas fortificações permitiram defender melhor a cidade dos seus inimigos, substituindo as muralhas medievais por “outras muito maiores que as anteriores, de modo a resistirem aos ataques de balas de canhão” (Martín, 2013, p. 52).

O **Pendão Real**, deixado por D. João I em Ceuta, confirmou o desejo do Rei de “mantener Ceuta como posesión lusa” (Ciudad Autónoma de Ceuta, 2014). Tendo desaparecido esse Pendão, “el que se conserva en la actualidad, es el que envió el duque de Medina Sidonia para tomar posesión de la Plaza en nombre de Filipe II” (Ciudad Autónoma de Ceuta, 2014), Pendão Real que tem na parte da frente, as armas de Portugal (**Fig.13**), utilizadas pelo rei D. Sebastião e “mantenidas por Filipe II, I de Portugal” (Ciudad Autónoma de Ceuta, 2014). No reverso, apresenta as próprias armas de Filipe II.

A **Placa toponímica da Rua de Camões, “Calle de Camoens”, (Fig. 14)** da autoria do escultor Cândido Mata (Martín, 2013:53), identifica o nome de uma das principais ruas da cidade, evocando o poeta português Luís Vaz de Camões, autor da obra “Os Lusíadas”. Luís de

Camões esteve em Ceuta “em 1547 e 1548, perdendo o olho direito em circunstâncias que se ignoram” (Medina, 1997, p. 312)..

O **Santuário de Nossa Senhora de África (Fig. 15)** detém uma escultura da Nossa Senhora de África, padroeira de Ceuta. Trata-se de uma piedade, enviada pelo Infante D. Henrique para Ceuta. Com efeito, a “história desta igreja começa com o envio desta imagem de Nossa Senhora de África a Ceuta, em 1421, pelo infante D. Henrique, o Navegador, tendo este ordenado que, a partir dessa data, a nomeassem com a evocação de nossa Senhora de África, e também que lhe fosse construído um templo” (Servicios Turísticos de Ceuta, 2007:11). “A cambio, el infante pidió que se rezasse por su alma y la de sus familiares cada sábado, dando lugar a la Sabatina, que se cumple semanalmente hoy como entonces”. Esta cerimónia e a entrega do Aleo à Virgem “son dos de los actos que constituyen el patrimonio inmaterial más antiguo” da cidade de Ceuta (Fundación Crisol de Culturas, 2012).

Dentro da igreja, na capela-mor, encontra-se a imagem de Nossa Senhora de África, com o “Aleo” na mão, conforme já referimos. A **Virgem de África (Fig.16)** é a padroeira da cidade de Ceuta.

3 Jogos didáticos integrados na maleta pedagógica

O jogo é uma via para a transmissão de conhecimentos de uma maneira apelativa e dinâmica, podendo promover situações de aprendizagem e de interação. A maleta em análise neste trabalho integra três jogos didáticos.

3.1. “À descoberta de Ceuta”

“À descoberta de Ceuta” (Fig.17) é um percurso virtual na cidade, tendo por base uma planta de Ceuta, pinos, dois cadernos, dois lápis, uma ampolheta e cartões com imagens do património a “descobrir” pelos jogadores ao longo do percurso

A dinâmica tem como objetivos: identificar marcos da presença portuguesa na cidade de Ceuta; aprofundar conhecimentos sobre as raízes portuguesas de Ceuta; promover o gosto pela descoberta.

O jogo supõe a organização de duas equipas que fazem, em paralelo, o percurso. Como regras do jogo definiram-se as seguintes: a cada equipa é concedido um pino de uma dada cor, sendo identificado um porta-voz por equipa; o dinamizador da maleta dá a partida; as equipas iniciam o seu percurso, identificando o dinamizador da maleta, o local onde se encontram; quando, no trajeto, existem bens patrimoniais de origem portuguesa ou há informação relativa a Portugal, o dinamizador da maleta mostra, às duas equipas, a imagem sobre a qual se têm de pronunciar; o porta-voz de cada uma das equipas escreve, no caderno facultado, a informação que obteve, depois de ter auscultado os

outros elementos do grupo, sobre a imagem apresentada. O tempo de resposta que é dado a cada uma das equipas é marcado por uma ampolheta. Para as equipas compreenderem qual a resposta desejada, o dinamizador da maleta lê, em voz alta, a informação alusiva à imagem, informação escrita em cartões que acompanham o jogo. Por cada resposta certa, o dinamizador da maleta faculta à equipa um pino de uma cor diferente do da sua equipa. Ganha a equipa que mais pinos detiver no percurso, ou seja, a equipa que tiver dado o maior número de respostas certas.

De referir que, na planta de Ceuta, o percurso está marcado através de numeração romana e a informação relativa a Portugal, associada ao percurso, encontra-se marcada a numeração árabe.

O trajeto faz-se entre a Praia de Santo Amaro, na Almina, local por onde os portugueses entraram em Ceuta, e as Muralhas Reais, mandadas construir no reinado de D. João III, entre os anos de 1541 a 1549. Partindo-se da Playa de San Amaro, segue-se para a Carretera de San Amaro, Calle Juan I de Portugal, Calle Cortadura del Valle, Calle Brull, Plaza Maestranza, Calle Rampa de Abastos, Paseo de la Marina Española, Calle Sargento Mena Calle Algeciras, Calle Camoens, Paseo del Revelin, Paseo Alcalde Sanchez Prados, Calle Valentín Cabillas, Plaza de Africa, Calle Pepe Durán, Calle Luis López Anglada, Calle Edrisis, Rotonda del Puente del Cristo, Calle Edrisis.

As imagens em relação às quais as equipas se têm de pronunciar remetem, sucessivamente, para a praia de Santo Amaro, na Almina, onde se deu o desembarque dos portugueses a 21 de Agosto de 1415; a Calle Juan I de Portugal; a igreja de Nossa Senhora do Vale, na Calle Cortadura del Valle; a estátua de D. Pedro de Meneses, no Paseo de la Marina Española; Luís Vaz de Camões, na Calle Camoens, sinalizada por uma placa toponímica; o Falconete de origem portuguesa, no Paseo del Revelin onde se encontra o Museu de Ceuta; a Catedral de Nossa Senhora da Assunção, na Calle Valentín Cabillas; a bandeira de Ceuta hasteada no Palácio da Assembleia, na Plaza de Africa; o Santuário de Nossa Senhora de África, na Calle Pepe Durán; o Infante D. Henrique “O Navegador”, na Rotonda del Puente del Cristo; o Fosso Real - Conjunto Monumental das Muralhas Reais, na Calle Edrisis.

3.2. “Cruzar Ceuta em Quadrículas”

O jogo didático “Cruzar Ceuta em Quadrículas” (Fig. 18) supõe a organização de duas equipas com o mesmo número de elementos cada uma. Tem por base um tabuleiro plastificado com uma tabela para ser preenchida com a palavra certa em relação a cada uma das dezassete pistas facultadas, pistas relacionadas com os conhecimentos veiculados no Guião.

Entre as pistas apresentadas de referir as seguintes: Peça de artilharia

portuguesa revestida a ferro e bronze. Qual o rei que governava Portugal quando Ceuta foi conquistada? Nome dado ao alargamento do espaço português para outros continentes através de conquistas e descobertas. Em que século foi conquistada, pelos portugueses, a primeira praça no norte de África? Mar que banha Ceuta. Bem escasso em Portugal e procurado em Ceuta. Moeda cunhada no reinado de D. Afonso V (rei português). Símbolo do poder em Ceuta. Apelido do primeiro governador de Ceuta. Número dos filhos de D. João I que o acompanharam na conquista de Ceuta. Nome próprio da mulher de D. João I.

O objetivo do jogo é que seja completada a tabela com as respostas certas, no mínimo tempo possível. Após a leitura de cada uma das pistas, por parte do dinamizador da maleta, as equipas tentam responder corretamente à pista apresentada, preenchendo as quadrículas da tabela. Ganha a equipa que mais rápido preencher a tabela com as respostas corretas. Para além das pistas, integram a maleta as soluções correspondentes a cada uma das perguntas.

3.3. “Conhecer Ceuta a Jogar”

A dinâmica “Conhecer Ceuta a Jogar” (Fig.19) pode-se jogar, individualmente, com cinco elementos, ou em equipas: 4 grupos constituídos por 3 elementos, cada. Supõe um tabuleiro plastificado e car-

tões associados a diferentes categorias: Património Cultural – Castanho; Geografia Física e Humana – Azul; História – Vermelho; Curiosidades – Amarelo. Cada categoria detém 15 cartões. Cada cartão detém uma pergunta e três ou quatro hipóteses de resposta. Cada cartão detém, escrito no canto inferior direito, de forma invertida, a resposta certa.

Apresentamos, de seguida, alguns exemplos de perguntas que foram formuladas para integrarem esta dinâmica da maleta, bem como a resposta correta.

Na categoria “Património Cultural”: Em que país, para além de Portugal, existe, atualmente, o culto a Santo António? As hipóteses apresentadas são as seguintes: 1- Inglaterra; 2-Itália; 3- Alemanha; 4- Noruega. Resposta certa: Itália.

Na categoria “História”, exemplo de uma das perguntas: Entre os nobres que participaram na tomada de Ceuta, integrava-se? Hipóteses facultadas: 1- D. Fernando de Lencastre; 2- D. Nuno Álvares Pereira; 3- D. António Prior do Crato; 4: D. António de Noronha. Resposta certa: D. Nuno Álvares Pereira.

Entre as perguntas integradas na categoria “Curiosidades”, encontra-se a seguinte: Quantos filhos de D. João I e de D. Filipa de Lencastre chegaram à idade adulta? 1- 3; 2- 4; 3- 7; 4- 6. Resposta certa: 6.

Relativamente à categoria “Geografia”, salientamos a pergunta: Qual o país que se situa a Oeste de Ceuta? Hipóteses de resposta: 1- Marrocos; 2- Espanha; 3 – Portugal; 4- Argélia. Resposta certa: Marrocos.

Uma legenda relativa aos símbolos presentes no tabuleiro acompanha o jogo: 1ª Ponte – Transitar da casa 15 para a casa 18, 2ª Ponte – Transitar da casa 42 para a casa 45, 1º Fosso (casa 34) – Recuar 3 casas, 2º Fosso (casa 53) – Recuar 2 casas, Escudo (casa 30) – O escudo é símbolo de proteção! Quem ocupar a casa trinta, fica imune à armadilha que venha a seguir, Hércules (casa 10 e 22) – Escolher a categoria a que se deseja responder.

No que respeita às regras do jogo, foram definidas as seguintes: todos lançam o dado de forma a sortear quem é o primeiro a jogar. Cada casa corresponde a uma categoria e detém uma cor. Quando o jogador ocupa a casa, relativa a uma categoria, tem de responder a uma pergunta dessa categoria. A pergunta é lida pela pessoa que se encontra à direita do jogador. Se o jogador responder corretamente, avança uma casa, caso contrário permanece na mesma. Quando um jogador ocupa uma casa que detém um determinado símbolo, tem de se cumprir o que está prescrito. Quem chegar primeiro ao fim, ganha o jogo.

São objetivos do jogo: conhecer informação sobre a cidade de Ceuta; suscitar o gosto pela descoberta; promover conhecimentos em áreas diversas do saber.

Conclusões

Detendo Ceuta um património de origem portuguesa significativo, considerou-se que uma maleta pedagógica poderia ser um recurso suscetível de despertar, nos mais jovens, a sua curiosidade, o seu interesse e a vontade de saber mais.

Com a conceção da maleta pedagógica, cuja caixa foi executada pela CerciPom de Pombal (Fig.20), foi possível sistematizar e registar informação sobre a cidade, dando-se especial realce ao legado português presente em Ceuta. O objetivo foi tornar essa informação acessível aos mais jovens, proporcionando, em paralelo, aos alunos envolvidos no projeto uma dinâmica apelativa.

Encontrando-se sob a forma de protótipo (**Fig. 21**) a maleta pedagógica “Ceuta: à procura das raízes portuguesas da cidade” poderá servir de modelo para futuros trabalhos congéneres.

Referências Bibliográficas

- Braga, I.M.R.M.D. & Braga, P.D. (1998). *Ceuta Portuguesa (1415-1656)*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties/Ciudad Autónoma de Ceuta.
- Campos, M.R. & Monteiro, I. (2016). A Maleta Pedagógica, uma ferramenta de valorização do património (pp.125-139). Gonçalves, S. Fonseca, P. & Malça, C. (Coord.) *Inovação no Ensino Superior*. Coimbra: Coimbra/IPC.
- Ciudad Autónoma de Ceuta (2014). *Ceuta Crisol de Culturas 2015: Huellas portuguesas. Exposición fotográfica itinerante*. Ceuta: Ciudad Autónoma de Ceuta/ Ceuta 2015 Fundación Crisol de Culturas (Tipo de documento não editado).
- Costa, J. P. O. (Org.). (2014). *História da Expansão e do Império Português*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Fundación Crisol de Culturas (2012). *Ceuta 2015*. Ceuta: Ciudad Autónoma de Ceuta/Fundación Crisol de Culturas 2015.
- Google Maps (2014). *Ceuta, Espanha*. Consultado em 25 de Novembro de 2014. Disponível em <https://www.google.pt/maps/place/Ceuta,+Spain/@35.8924036,-5.3091167,15z/data=!4m2!3m1!1s0xd0ca3e7e929acef:0x40463fd8ca1c640>
- Lima, S. (2014). *As Batalhas que fizeram Portugal*. Alfragide: Dom Quixote.
- Marques, A.H.O. (2001). *Breve História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martín, C. V. (2013). *La Historia de mi Ciudad: Ceuta*. Ciudad Autónoma de Ceuta/Archivo General.
- Medina, J. (1997). *História de Portugal*. Vol. IV. Alfragide: Clube Internacional do Livro.

Monteiro, J.G. & Costa, A. M. (2015). *1415 A conquista de Ceuta*. Lisboa: Letras e Diálogos.

Servicios Turísticos de Ceuta (2007). *Roteiro turístico. Destino Ceuta*. Ceuta: Graficas Litofer S.L.

Nota curricular

Maria do Rosário Castiço de Campos
Doutorada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

Tem participado em projetos de investigação, ao longo da sua carreira profissional.

Tem livros publicados, bem como artigos em revistas nacionais e internacionais.

Tem apresentado comunicações em congressos nacionais e internacionais. É membro integrado do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Figuras e respetiva fonte:

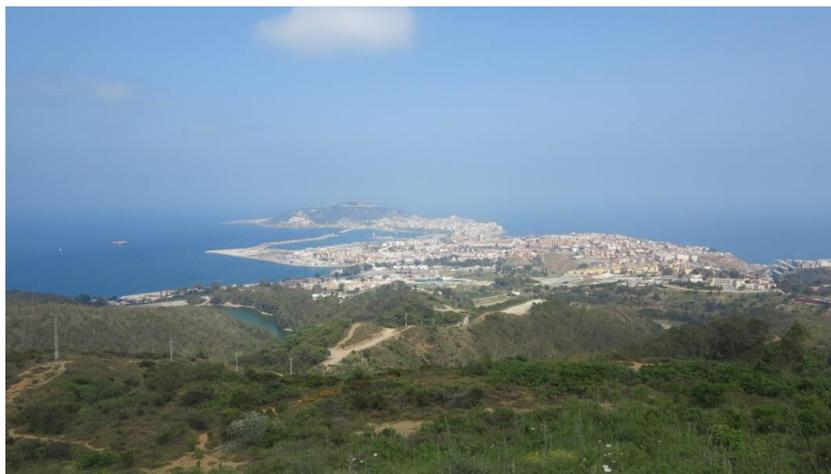


Fig.1: Vista panorâmica de Ceuta
Fonte: José Silva, 2014



Fig.3: Bandeira de Ceuta
Fonte: Fundación Crisol de Culturas, 2012



Fig. 2: As quatro zonas em que se divide Ceuta.
Fonte: Martín, 2013, p.13



Fig. 4: Catedral de Nossa Senhora da Assunção
Fonte: José Silva, 2014



Fig. 5: Ceitil de Afonso V
Fonte: José Silva, 2014



Fig. 7: Escudo de Ceuta
Fonte: José Silva, 2014



Fig. 6: Ermita de Santo António
Fonte: Ramón Morales, 2020



Fig. 8: Estátua de D. Pedro de Meneses
Fonte: Ramón Morales, 2020



Fig. 9: Infante D. Henrique “O Navegador”
Fonte: José Silva, 2014



Fig. 10: Falconete Português
Fonte: José Silva, 2014



Fig. 11: Igreja do Vale
Fonte: José Silva, 2014



Fig. 12: Fosso Real e Muralhas Reais
Fonte: José Silva, 2014



Fig. 14: Placa toponímica: “Rua de Camões”
Fonte: José Silva, 2014



Fig. 13: Pendão da Cidade (anverso)
Fonte: Fundación Crisol de Culturas, 2012



Fig. 15: Santuário de Nossa Senhora de África
Fonte: José Silva, 2014



Fig. 16: Virgem de África com o “Aleo” na mão
Fonte: José Silva, 2014



Fig.17: Tabuleiro do jogo: “Percurso em Ceuta”
Fonte: Solange Amaral, 2014, com base em Google Maps (2014)

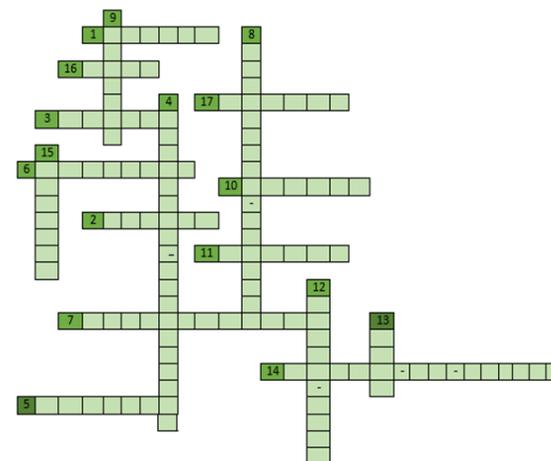


Fig. 18: Tabuleiro do jogo: “Cruzar Ceuta em Quadrículas”
Fonte: Ana Carriço, Joana Oliveira, Pedro Andrade,
Solange Amaral, Susana Carreiro, 2014

INICIO	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
	 10	11	12	13	14	15	16	17	18	
	19	20	21	22	23	 24	25	26	27	28
	29	 30	31	32	33	34	35	36	37	38
	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58
59	60	FIM								

Fig. 19: Tabuleiro do jogo: “Conhecer Ceuta a Jogar”
 Fonte: Alexandra Ribeiro, Júlia Marques, Leana Abrunhosa, Raquel Sanches, Sara Cortesão, 2014



Fig. 20: Maleta Pedagógica feita pela CerciPom
 Fonte: Pedro Celavisa, 2020



Fig. 21: A Maleta Pedagógica com todos os materiais que a integram
 Fonte: Pedro Celavisa, 2020